



SINOPSE DE CLIPPING SEMANAL – SINDISIDER

3ª SEMANA DE JANEIRO

O Valor Econômico publicou entrevista do Presidente do INDA, Carlos Jorge Loureiro, em matéria que aborda os estoques da indústria do país. De acordo com veículo, o segmento de distribuição atravessa momento favorável quando comparado aos demais setores, como químico, têxtil e automobilístico. O resultado positivo deve-se, principalmente, à perda de espaço do aço importado no mercado nacional. Segundo Loureiro, a importação caiu quase 50% em 2011 e a distribuição cresceu pouco mais de 10%.

O presidente do INDA e do SINDISIDER também foi fonte de reportagem da Reuters sobre o ano do setor siderúrgico. Loureiro disse à agência que o volume de encomendas feitas às siderúrgicas está abaixo do esperado, o que indica um primeiro trimestre mais fraco que o normal para o setor.

Nas notícias siderúrgicas, destaque para reportagem do Valor, que abordou a transição na Usiminas, que passou de controladora à controlada pela argentina Ternium. De acordo com o jornal, a companhia mineira não se sustentou como "player" de peso na siderurgia latino-americana e foi engolida pela usina argentina.

01 – INDA

Valor ECONÔMICO

Estoques preocupam indústria e podem atrasar retomada

Por Sergio Lamucci | De São Paulo

A indústria se esforçou para reduzir estoques nos últimos meses de 2011, mas alguns setores importantes entraram neste ano com produtos não escoados ainda acima do desejado, como o têxtil, o químico, o de celulose e papel, o de mobiliário e o de produtos farmacêuticos e veterinários. Com isso, esses segmentos devem levar mais tempo para retomar um ritmo forte da produção, o que pode segurar uma recuperação mais firme da atividade industrial no começo do ano.

No caso da indústria automobilística, para o qual há informações quantitativas de estoques, os dados da Associação Nacional de Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea) mostraram queda em dezembro. No entanto, o volume de unidades nos pátios de montadoras e concessionárias segue em níveis altos, ainda que em número de dias de vendas a situação esteja perto da normalidade.

Para o coordenador de sondagens conjunturais da Fundação Getúlio Vargas (FGV), Aloisio Campelo, a indústria terminou o ano passado com uma situação de estoques mais equilibrada do que no terceiro trimestre, auge do problema, mas alguns setores importantes ainda enfrentam dificuldades. Há aqueles que não conseguiram reduzi-los, como o têxtil, e os que tiveram alta forte no fim do ano, como químico e o de mobiliário.

O setor químico viu o número de empresas que relatam inventários indesejados na sondagem da FGV saltar de 3,2% para 10,4%, feito o ajuste sazonal, bastante acima da média de 4,2% registrada desde janeiro de 2003. Para completar, a fatia de companhias do segmento que informaram estoques insuficientes caiu de 1,1% para 0,3%.

Já o setor têxtil, que em setembro tinha 24,8% das empresas com estoques excessivos, encerrou o ano com 27,8% delas nessa situação, percentual bastante acima da média de 18,7% observada desde 2003. A fatia das companhias que relataram estoques insuficientes caiu de 6,4% em novembro para 3,6% em dezembro.

O têxtil é um dos quatro setores que, segundo Campelo, estavam "superestocados" em setembro, ao lado de metalurgia, material de transporte (onde está a indústria automobilística), e vestuário e calçados. Desses quatro, apenas o têxtil não conseguiu vender suas mercadorias no quarto trimestre.

Campelo vê dois motivos principais para o acúmulo de estoques a partir da segunda metade do ano passado. O primeiro, uma demanda mais fraca do que a estimada pelas empresas - no terceiro trimestre, o consumo das famílias recuou 0,1% em relação ao trimestre anterior, feito o ajuste sazonal, enquanto o investimento caiu 0,2%. Além disso, o aumento das importações também rouba espaço do produto nacional, podendo ter contribuído para a formação de inventários indesejados.

O setor de mobiliário terminou o ano com uma situação de estoques semelhante ao do setor têxtil. Em dezembro, 26,5% das empresas relataram à FGV ter inventários exagerados, enquanto apenas 1% informou que eles eram insuficientes.

O diretor da Associação Brasileira das Indústrias do Mobiliário (Abimóvel) em Brasília, Lipel Custódio, diz que o setor de fato virou o ano com estoques acima do desejado. O varejo segurou encomendas e o consumidor ficou um pouco mais retraído, em função das notícias sobre a crise internacional, acredita ele, citando também o mau desempenho das exportações. Para Custódio, a situação deve estar normalizada depois do Carnaval. Janeiro e fevereiro, segundo ele, são meses naturalmente de produção mais fraca. A queda dos juros iniciada em agosto pode ajudar nesse movimento, se implicar condições mais favoráveis de crédito, diz Custódio.

No setor metalúrgico (que engloba o setor siderúrgico), o quadro é bem mais favorável. Em setembro, 18,7% das empresas consultadas pela FGV relataram estoques excessivos, e nenhuma informou ter inventários insuficientes. Já em dezembro, as companhias que reclamavam de estoques indesejados eram 9,8%, perto da média de 9,5% registrada desde janeiro de 2003, enquanto 4,3% informavam um volume insuficiente.

O presidente do Instituto Nacional dos Distribuidores de Aço (Inda), Carlos Loureiro, diz que o seu segmento encerrou 2012 com estoques praticamente ajustados, equivalentes a três meses de vendas. Segundo ele, o setor considera normal algo entre 2,5 e 2,8 meses. Como em dezembro as vendas são tradicionalmente um pouco menores, Loureiro diz que não há problemas no nível do fim de 2011. Para janeiro, ele espera que os estoques recuem para o equivalente a algo como 2,7 meses de vendas. Na distribuição de aço, o nível mais alto de 2011 foi atingido em março, com estoques próximos a cinco meses. Ao longo do ano, porém, os estoques foram sendo ajustados, com produtores e distribuidores locais ganhando espaço do aço importado, que havia crescido muito em 2010, por conta da diferença de preços. "Em 2011, a importação caiu quase 50%, e a distribuição nacional, por sua vez, cresceu pouco mais de 10%", diz Loureiro.

Para 2012, ele espera uma expansão de 6%, com expectativa de demanda mais forte da construção civil residencial, infraestrutura e de quem produz equipamentos para esses segmentos. Não há mais espaço para um ganho tão fácil em cima dos importados, diz.

No caso da indústria automobilística, a situação é um pouco dúbia. Na sondagem da FGV, a fatia de empresas do setor de material de transporte (em que se destaca a indústria automobilística) que informam estoques excessivos ficou em 10,2% em dezembro, metade dos 20,5% registrados em setembro e abaixo da média de 11,4% da média desde 2003.

Números da Anfavea, porém, mostram um quadro menos claro. O número de veículos nos pátios das montadoras e concessionárias recuou de 373,5 mil em novembro para 347,7 mil em dezembro. Em termos de dias de vendas, a queda foi de 35 para 30 dias, nível tido como normal pelo setor.

O economista-chefe da corretora Convenção Tullett Prebon, Fernando Montero, contudo, acha que o número em termos absolutos ainda é alto, especialmente para o último mês do ano. Ele observa que, em geral, os estoques sobem de dezembro para janeiro. "De 2002 para cá, isso só não ocorreu em 2009." Para Montero, uma parte razoável já ajustou estoques, mas esse não parece ser o caso do setor automobilístico.

O economista Aurélio Bicalho, do Itaú Unibanco, também não vê um quadro dos mais positivos em termos de estoques para a indústria automobilística. Nas suas contas, eles aumentaram



em dezembro, feito o ajuste sazonal. É um sinal desfavorável para a produção de veículos em janeiro, que veio de uma alta forte no mês anterior, de 6,6% sobre novembro na série calculada pelo Itaú Unibanco.

Link: <http://www.valor.com.br/brasil/1199998/estoques-preocupam-industria-e-podem-atrasar-retomada>

ANÁLISE-Siderurgia caminha para mais um duro ano em 2012



Por Alberto Alerigi Jr. SÃO PAULO, 13 Jan (Reuters) - O setor siderúrgico brasileiro deve ter mais um ano duro pela frente em 2012, principalmente no segmento de aços planos, enquanto a combinação difícil de custos elevados de insumos e preços de aço estagnados persiste em meio às incertezas sobre a economia global.

A avaliação de analistas consultados pela Reuters é que a importação de aço e, principalmente, de produtos acabados que usam aço, como carros, seguirá guilhotinando qualquer tentativa de alta mais consistente nos preços.

O viés positivo é que após o fraco desempenho industrial do final de 2011, o governo acene com medidas de incentivo à economia como redução de juros, o que pode melhorar a demanda e o resultado das siderúrgicas a partir do segundo semestre

Segunda metade do ano apenas porque os sinais apresentados neste mês não dão motivos para analistas acreditarem em força na demanda ao menos até junho.

Esta semana, por exemplo, o presidente do Instituto Nacional dos Distribuidores de Aço, Carlos Loureiro, afirmou à Reuters que o volume de encomendas feitas às siderúrgicas está abaixo do esperado, indicando um primeiro trimestre mais fraco que o normal para o setor.

Outro motivo de preocupação são as chuvas que atingem Minas Gerais e que estão prejudicando a produção e o transporte de minério de ferro, item que há vários trimestres tem ajudado nos resultados das siderúrgicas, principalmente da CSN. A Vale declarou força maior na quarta-feira e a Usiminas informou na quinta-feira que teve de aumentar transporte terrestre após interrupções de ferrovias.

A CSN, cujas operações de mineração são concentradas em Minas Gerais, informou que o volume de minério que deixou de ser embarcado "não é grande e não impacta estimativas da empresa".

"O quarto trimestre mostrou desaceleração da indústria, a economia sentiu os efeitos da política monetária", disse o analista Rafael Weber, da corretora Geração Futuro.

"Podemos ter, talvez, se a atividade se recuperar no Brasil e não tivermos um aprofundamento da crise lá fora, um segundo semestre de resultados melhores, com impacto positivo da queda do juros", acrescentou.

Para a corretora Ativa, que assim como o JP Morgan reduziu este mês seus preços-alvos para as ações do setor, 2012 será mais um ano "desafiador" para as siderúrgicas locais em que não se espera nenhum reajuste no preço significativo do aço no mercado interno.

PREFERIDA



A preferência do mercado, segundo avaliação dos analistas, recai sobre as ações da Gerdau, pela exposição da empresa ao setor de aços longos, favorecido pelos investimentos do país em infraestrutura e sinais de recuperação nos Estados Unidos. Em 2011, a ação da empresa acumulou queda de quase 35 por cento.

Para a analista Daniella Maia, da Ativa, outro fator de preferência pela Gerdau é a divulgação prevista para este semestre do plano de monetização das reservas de minério de ferro do grupo, que já é 70 por cento autossuficiente na commodity e poderá usar excedente para exportar.

O cenário muda de figura no caso da Usiminas, que viu recuo de 45 por cento no preço de sua ação preferencial em 2011. "Quem está posicionado em Usiminas, acho que já está mais do que na hora de sair desse papel. Deu um rali no final do ano passado e quem conseguiu sair ótimo, quem não conseguiu melhor realizar prejuízo", disse a analista, citando o fraco desempenho operacional da empresa que tenta melhorar sua estrutura de custos para ganhar competitividade.

Sobre CSN, cuja ação perdeu mais de 40 por cento no último ano, a analista afirmou que há riscos embutidos na empresa sobre o projeto de expansão da mina de minério de ferro de Casa de Pedra, que sofre atrasos diante da demora de ampliação de porto exportador, e o papel da companhia na Usiminas, depois de seguidas compras de ações da rival, opinião também compartilhada pelo Morgan Stanley.

INCERTEZA

Apesar do Instituto Aço Brasil (IABr) ter divulgado no final de 2011 expectativa de aumento das vendas de aço no país de 8,4 por cento sobre 2010, para 23,3 milhões de toneladas, e produção avançando 6 por cento, a 37,5 milhões, os números podem não se confirmar diante da volatilidade pela qual o setor atravessa.

"É uma previsão que provavelmente deve ser revista este ano. Ninguém sabe ao certo o que vai acontecer... No primeiro semestre, o setor deve repetir o que vimos no quarto trimestre: por mais que a importação de aço tenha diminuído, a pressão tende a continuar grande", afirmou o analista Victor Penna, do Banco do Brasil.

Link: <http://br.reuters.com/article/businessNews/idBRSPE80C06N20120113?sp=true>



ANÁLISE-Siderurgia caminha para mais um duro ano em 2012

O setor siderúrgico brasileiro deve ter mais um ano duro pela frente em 2012, principalmente no segmento de aços planos, enquanto a combinação difícil de custos elevados de insumos e preços de aço estagnados persiste em meio às incertezas sobre a economia global.

A avaliação de analistas consultados pela Reuters é que a importação de aço e, principalmente, de produtos acabados que usam aço, como carros, seguirá guilhotinando qualquer tentativa de alta mais consistente nos preços.

O viés positivo é que após o fraco desempenho industrial do final de 2011, o governo acene com medidas de incentivo à economia como redução de juros, o que pode melhorar a demanda e o resultado das siderúrgicas a partir do segundo semestre.

Segunda metade do ano apenas porque os sinais apresentados neste mês não dão motivos para analistas acreditarem em força na demanda ao menos até junho.

Esta semana, por exemplo, o presidente do Instituto Nacional dos Distribuidores de Aço, Carlos Loureiro, afirmou à Reuters que o volume de encomendas feitas às siderúrgicas está abaixo do esperado, indicando um primeiro trimestre mais fraco que o normal para o setor.

Outro motivo de preocupação são as chuvas que atingem Minas Gerais e que estão prejudicando a produção e o transporte de minério de ferro, item que há vários trimestres tem ajudado nos resultados das siderúrgicas, principalmente da CSN. A Vale declarou força maior na quarta-feira e a Usiminas informou na quinta-feira que teve de aumentar transporte terrestre após interrupções de ferrovias.

A CSN, cujas operações de mineração são concentradas em Minas Gerais, informou que o volume de minério que deixou de ser embarcado "não é grande e não impacta estimativas da empresa".

"O quarto trimestre mostrou desaceleração da indústria, a economia sentiu os efeitos da política monetária", disse o analista Rafael Weber, da corretora Geração Futuro.

"Podemos ter, talvez, se a atividade se recuperar no Brasil e não tivermos um aprofundamento da crise lá fora, um segundo semestre de resultados melhores, com impacto positivo da queda do juros", acrescentou.

Para a corretora Ativa, que assim como o JP Morgan reduziu este mês seus preços-alvos para as ações do setor, 2012 será mais um ano "desafiador" para as siderúrgicas locais em que não se espera nenhum reajuste no preço significativo do aço no mercado interno.

PREFERIDA

A preferência do mercado, segundo avaliação dos analistas, recai sobre as ações da Gerdau, pela exposição da empresa ao setor de aços longos, favorecido pelos investimentos do país em infraestrutura e sinais de recuperação nos Estados Unidos. Em 2011, a ação da empresa acumulou queda de quase 35 por cento.

Para a analista Daniella Maia, da Ativa, outro fator de preferência pela Gerdau é a divulgação prevista para este semestre do plano de monetização das reservas de minério de ferro do grupo, que já é 70 por cento autossuficiente na commodity e poderá usar excedente para exportar.



O cenário muda de figura no caso da Usiminas, que viu recuo de 45 por cento no preço de sua ação preferencial em 2011. "Quem está posicionado em Usiminas, acho que já está mais do que na hora de sair desse papel. Deu um rali no final do ano passado e quem conseguiu sair ótimo, quem não conseguiu melhor realizar prejuízo", disse a analista, citando o fraco desempenho operacional da empresa que tenta melhorar sua estrutura de custos para ganhar competitividade.

Sobre CSN, cuja ação perdeu mais de 40 por cento no último ano, a analista afirmou que há riscos embutidos na empresa sobre o projeto de expansão da mina de minério de ferro de Casa de Pedra, que sofre atrasos diante da demora de ampliação de porto exportador, e o papel da companhia na Usiminas, depois de seguidas compras de ações da rival, opinião também compartilhada pelo Morgan Stanley.

INCERTEZA

Apesar do Instituto Aço Brasil (IABr) ter divulgado no final de 2011 expectativa de aumento das vendas de aço no país de 8,4 por cento sobre 2010, para 23,3 milhões de toneladas, e produção avançando 6 por cento, a 37,5 milhões, os números podem não se confirmar diante da volatilidade pela qual o setor atravessa.

"É uma previsão que provavelmente deve ser revista este ano. Ninguém sabe ao certo o que vai acontecer... No primeiro semestre, o setor deve repetir o que vimos no quarto trimestre: por mais que a importação de aço tenha diminuído, a pressão tende a continuar grande", afirmou o analista Victor Penna, do Banco do Brasil.

Link: <http://veja.abril.com.br/noticia/economia/analise-siderurgia-caminha-para-mais-um-duro-ano-em-2012>

ANÁLISE-Siderurgia caminha para mais um duro ano em 2012

O setor siderúrgico brasileiro deve ter mais um ano duro pela frente em 2012, principalmente no segmento de aços planos, enquanto a combinação difícil de custos elevados de insumos e preços de aço estagnados persiste em meio às incertezas sobre a economia global.

A avaliação de analistas consultados pela Reuters é que a importação de aço e, principalmente, de produtos acabados que usam aço, como carros, seguirá guilhotinando qualquer tentativa de alta mais consistente nos preços.

O viés positivo é que após o fraco desempenho industrial do final de 2011, o governo acene com medidas de incentivo à economia como redução de juros, o que pode melhorar a demanda e o resultado das siderúrgicas a partir do segundo semestre.

Segunda metade do ano apenas porque os sinais apresentados neste mês não dão motivos para analistas acreditarem em força na demanda ao menos até junho.

Esta semana, por exemplo, o presidente do Instituto Nacional dos Distribuidores de Aço, Carlos Loureiro, afirmou à Reuters que o volume de encomendas feitas às siderúrgicas está abaixo do esperado, indicando um primeiro trimestre mais fraco que o normal para o setor.

Outro motivo de preocupação são as chuvas que atingem Minas Gerais e que estão prejudicando a produção e o transporte de minério de ferro, item que há vários trimestres tem ajudado nos resultados das siderúrgicas, principalmente da CSN. A Vale declarou força maior na quarta-feira e a Usiminas informou na quinta-feira que teve de aumentar transporte terrestre após interrupções de ferrovias.

A CSN, cujas operações de mineração são concentradas em Minas Gerais, informou que o volume de minério que deixou de ser embarcado "não é grande e não impacta estimativas da empresa".

"O quarto trimestre mostrou desaceleração da indústria, a economia sentiu os efeitos da política monetária", disse o analista Rafael Weber, da corretora Geração Futuro.

"Podemos ter, talvez, se a atividade se recuperar no Brasil e não tivermos um aprofundamento da crise lá fora, um segundo semestre de resultados melhores, com impacto positivo da queda do juros", acrescentou.

Para a corretora Ativa, que assim como o JP Morgan reduziu este mês seus preços-alvos para as ações do setor, 2012 será mais um ano "desafiador" para as siderúrgicas locais em que não se espera nenhum reajuste no preço significativo do aço no mercado interno.

PREFERIDA

A preferência do mercado, segundo avaliação dos analistas, recai sobre as ações da Gerdau, pela exposição da empresa ao setor de aços longos, favorecido pelos investimentos do país em infraestrutura e sinais de recuperação nos Estados Unidos. Em 2011, a ação da empresa acumulou queda de quase 35 por cento.

Para a analista Daniella Maia, da Ativa, outro fator de preferência pela Gerdau é a divulgação prevista para este semestre do plano de monetização das reservas de minério de ferro do grupo, que já é 70 por cento autossuficiente na commodity e poderá usar excedente para exportar.

O cenário muda de figura no caso da Usiminas, que viu recuo de 45 por cento no preço de sua ação preferencial em 2011. "Quem está posicionado em Usiminas, acho que já está mais do



que na hora de sair desse papel. Deu um rali no final do ano passado e quem conseguiu sair ótimo, quem não conseguiu melhor realizar prejuízo", disse a analista, citando o fraco desempenho operacional da empresa que tenta melhorar sua estrutura de custos para ganhar competitividade.

Sobre CSN, cuja ação perdeu mais de 40 por cento no último ano, a analista afirmou que há riscos embutidos na empresa sobre o projeto de expansão da mina de minério de ferro de Casa de Pedra, que sofre atrasos diante da demora de ampliação de porto exportador, e o papel da companhia na Usiminas, depois de seguidas compras de ações da rival, opinião também compartilhada pelo Morgan Stanley.

INCERTEZA

Apesar do Instituto Aço Brasil (IABr) ter divulgado no final de 2011 expectativa de aumento das vendas de aço no país de 8,4 por cento sobre 2010, para 23,3 milhões de toneladas, e produção avançando 6 por cento, a 37,5 milhões, os números podem não se confirmar diante da volatilidade pela qual o setor atravessa.

"É uma previsão que provavelmente deve ser revista este ano. Ninguém sabe ao certo o que vai acontecer... No primeiro semestre, o setor deve repetir o que vimos no quarto trimestre: por mais que a importação de aço tenha diminuído, a pressão tende a continuar grande", afirmou o analista Victor Penna, do Banco do Brasil.

Link: <http://br.noticias.yahoo.com/an%C3%A1lise-siderurgia-caminha-para-mais-um-duro-ano-163755652.html>

Portogente

O mundo mais ágil

Estoques preocupam indústria e podem atrasar retomada

Por Sergio Lamucci | De São Paulo

A indústria se esforçou para reduzir estoques nos últimos meses de 2011, mas alguns setores importantes entraram neste ano com produtos não escoados ainda acima do desejado, como o têxtil, o químico, o de celulose e papel, o de mobiliário e o de produtos farmacêuticos e veterinários. Com isso, esses segmentos devem levar mais tempo para retomar um ritmo forte da produção, o que pode segurar uma recuperação mais firme da atividade industrial no começo do ano.

No caso da indústria automobilística, para o qual há informações quantitativas de estoques, os dados da Associação Nacional de Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea) mostraram queda em dezembro. No entanto, o volume de unidades nos pátios de montadoras e concessionárias segue em níveis altos, ainda que em número de dias de vendas a situação esteja perto da normalidade.

Para o coordenador de sondagens conjunturais da Fundação Getulio Vargas (FGV), Aloisio Campelo, a indústria terminou o ano passado com uma situação de estoques mais equilibrada do que no terceiro trimestre, auge do problema, mas alguns setores importantes ainda enfrentam dificuldades. Há aqueles que não conseguiram reduzi-los, como o têxtil, e os que tiveram alta forte no fim do ano, como químico e o de mobiliário.

O setor químico viu o número de empresas que relatam inventários indesejados na sondagem da FGV saltar de 3,2% para 10,4%, feito o ajuste sazonal, bastante acima da média de 4,2% registrada desde janeiro de 2003. Para completar, a fatia de companhias do segmento que informaram estoques insuficientes caiu de 1,1% para 0,3%.

Já o setor têxtil, que em setembro tinha 24,8% das empresas com estoques excessivos, encerrou o ano com 27,8% delas nessa situação, percentual bastante acima da média de 18,7% observada desde 2003. A fatia das companhias que relataram estoques insuficientes caiu de 6,4% em novembro para 3,6% em dezembro.

O têxtil é um dos quatro setores que, segundo Campelo, estavam "superestocados" em setembro, ao lado de metalurgia, material de transporte (onde está a indústria automobilística), e vestuário e calçados. Desses quatro, apenas o têxtil não conseguiu vender suas mercadorias no quarto trimestre.

Campelo vê dois motivos principais para o acúmulo de estoques a partir da segunda metade do ano passado. O primeiro, uma demanda mais fraca do que a estimada pelas empresas - no terceiro trimestre, o consumo das famílias recuou 0,1% em relação ao trimestre anterior, feito o ajuste sazonal, enquanto o investimento caiu 0,2%. Além disso, o aumento das importações também rouba espaço do produto nacional, podendo ter contribuído para a formação de inventários indesejados.

O setor de mobiliário terminou o ano com uma situação de estoques semelhante ao do setor têxtil. Em dezembro, 26,5% das empresas relataram à FGV ter inventários exagerados, enquanto apenas 1% informou que eles eram insuficientes.

O diretor da Associação Brasileira das Indústrias do Mobiliário (Abimóvel) em Brasília, Lipel Custódio, diz que o setor de fato virou o ano com estoques acima do desejado. O varejo seguiu encomendas e o consumidor ficou um pouco mais retraído, em função das notícias

sobre a crise internacional, acredita ele, citando também o mau desempenho das exportações. Para Custódio, a situação deve estar normalizada depois do Carnaval. Janeiro e fevereiro, segundo ele, são meses naturalmente de produção mais fraca. A queda dos juros iniciada em agosto pode ajudar nesse movimento, se implicar condições mais favoráveis de crédito, diz Custódio.

No setor metalúrgico (que engloba o setor siderúrgico), o quadro é bem mais favorável. Em setembro, 18,7% das empresas consultadas pela FGV relataram estoques excessivos, e nenhuma informou ter inventários insuficientes. Já em dezembro, as companhias que reclamavam de estoques indesejados eram 9,8%, perto da média de 9,5% registrada desde janeiro de 2003, enquanto 4,3% informavam um volume insuficiente.

O presidente do Instituto Nacional dos Distribuidores de Aço (Inda), Carlos Loureiro, diz que o seu segmento encerrou 2012 com estoques praticamente ajustados, equivalentes a três meses de vendas. Segundo ele, o setor considera normal algo entre 2,5 e 2,8 meses. Como em dezembro as vendas são tradicionalmente um pouco menores, Loureiro diz que não há problemas no nível do fim de 2011. Para janeiro, ele espera que os estoques recuem para o equivalente a algo como 2,7 meses de vendas. Na distribuição de aço, o nível mais alto de 2011 foi atingido em março, com estoques próximos a cinco meses. Ao longo do ano, porém, os estoques foram sendo ajustados, com produtores e distribuidores locais ganhando espaço do aço importado, que havia crescido muito em 2010, por conta da diferença de preços. "Em 2011, a importação caiu quase 50%, e a distribuição nacional, por sua vez, cresceu pouco mais de 10%", diz Loureiro.

Para 2012, ele espera uma expansão de 6%, com expectativa de demanda mais forte da construção civil residencial, infraestrutura e de quem produz equipamentos para esses segmentos. Não há mais espaço para um ganho tão fácil em cima dos importados, diz.

No caso da indústria automobilística, a situação é um pouco dúbia. Na sondagem da FGV, a fatia de empresas do setor de material de transporte (em que se destaca a indústria automobilística) que informam estoques excessivos ficou em 10,2% em dezembro, metade dos 20,5% registrados em setembro e abaixo da média de 11,4% da média desde 2003.

Números da Anfavea, porém, mostram um quadro menos claro. O número de veículos nos pátios das montadoras e concessionárias recuou de 373,5 mil em novembro para 347,7 mil em dezembro. Em termos de dias de vendas, a queda foi de 35 para 30 dias, nível tido como normal pelo setor.

O economista-chefe da corretora Convenção Tullett Prebon, Fernando Montero, contudo, acha que o número em termos absolutos ainda é alto, especialmente para o último mês do ano. Ele observa que, em geral, os estoques sobem de dezembro para janeiro. "De 2002 para cá, isso só não ocorreu em 2009." Para Montero, uma parte razoável já ajustou estoques, mas esse não parece ser o caso do setor automobilístico.

O economista Aurélio Bicalho, do Itaú Unibanco, também não vê um quadro dos mais positivos em termos de estoques para a indústria automobilística. Nas suas contas, eles aumentaram em dezembro, feito o ajuste sazonal. É um sinal desfavorável para a produção de veículos em janeiro, que veio de uma alta forte no mês anterior, de 6,6% sobre novembro na série calculada pelo Itaú Unibanco.

Link: <http://www.portogente.com.br/texto.php?cod=61365>



Estoques preocupam indústria e podem atrasar retomada

Por Sergio Lamucci | De São Paulo

A indústria se esforçou para reduzir estoques nos últimos meses de 2011, mas alguns setores importantes entraram neste ano com produtos não escoados ainda acima do desejado, como o têxtil, o químico, o de celulose e papel, o de mobiliário e o de produtos farmacêuticos e veterinários. Com isso, esses segmentos devem levar mais tempo para retomar um ritmo forte da produção, o que pode segurar uma recuperação mais firme da atividade industrial no começo do ano.

No caso da indústria automobilística, para o qual há informações quantitativas de estoques, os dados da Associação Nacional de Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea) mostraram queda em dezembro. No entanto, o volume de unidades nos pátios de montadoras e concessionárias segue em níveis altos, ainda que em número de dias de vendas a situação esteja perto da normalidade.

Para o coordenador de sondagens conjunturais da Fundação Getulio Vargas (FGV), Aloisio Campelo, a indústria terminou o ano passado com uma situação de estoques mais equilibrada do que no terceiro trimestre, auge do problema, mas alguns setores importantes ainda enfrentam dificuldades. Há aqueles que não conseguiram reduzi-los, como o têxtil, e os que tiveram alta forte no fim do ano, como químico e o de mobiliário.

O setor químico viu o número de empresas que relatam inventários indesejados na sondagem da FGV saltar de 3,2% para 10,4%, feito o ajuste sazonal, bastante acima da média de 4,2% registrada desde janeiro de 2003. Para completar, a fatia de companhias do segmento que informaram estoques insuficientes caiu de 1,1% para 0,3%.

Já o setor têxtil, que em setembro tinha 24,8% das empresas com estoques excessivos, encerrou o ano com 27,8% delas nessa situação, percentual bastante acima da média de 18,7% observada desde 2003. A fatia das companhias que relataram estoques insuficientes caiu de 6,4% em novembro para 3,6% em dezembro.

O têxtil é um dos quatro setores que, segundo Campelo, estavam "superestocados" em setembro, ao lado de metalurgia, material de transporte (onde está a indústria automobilística), e vestuário e calçados. Desses quatro, apenas o têxtil não conseguiu vender suas mercadorias no quarto trimestre.

Campelo vê dois motivos principais para o acúmulo de estoques a partir da segunda metade do ano passado. O primeiro, uma demanda mais fraca do que a estimada pelas empresas - no terceiro trimestre, o consumo das famílias recuou 0,1% em relação ao trimestre anterior, feito o ajuste sazonal, enquanto o investimento caiu 0,2%. Além disso, o aumento das importações também rouba espaço do produto nacional, podendo ter contribuído para a formação de inventários indesejados.

O setor de mobiliário terminou o ano com uma situação de estoques semelhante ao do setor têxtil. Em dezembro, 26,5% das empresas relataram à FGV ter inventários exagerados, enquanto apenas 1% informou que eles eram insuficientes.

O diretor da Associação Brasileira das Indústrias do Mobiliário (Abimóvel) em Brasília, Lipel Custódio, diz que o setor de fato virou o ano com estoques acima do desejado. O varejo seguiu encomendas e o consumidor ficou um pouco mais retraído, em função das notícias sobre a crise internacional, acredita ele, citando também o mau desempenho das exportações. Para Custódio, a situação deve estar normalizada depois do Carnaval. Janeiro e fevereiro, segundo ele, são meses naturalmente de produção mais fraca. A queda dos juros iniciada em agosto pode ajudar nesse movimento, se implicar condições mais favoráveis de crédito, diz Custódio.

No setor metalúrgico (que engloba o setor siderúrgico), o quadro é bem mais favorável. Em setembro, 18,7% das empresas consultadas pela FGV relataram estoques excessivos, e nenhuma informou ter inventários insuficientes. Já em dezembro, as companhias que reclamavam de estoques indesejados

eram 9,8%, perto da média de 9,5% registrada desde janeiro de 2003, enquanto 4,3% informavam um volume insuficiente.

O presidente do Instituto Nacional dos Distribuidores de Aço (Inda), Carlos Loureiro, diz que o seu segmento encerrou 2012 com estoques praticamente ajustados, equivalentes a três meses de vendas. Segundo ele, o setor considera normal algo entre 2,5 e 2,8 meses. Como em dezembro as vendas são tradicionalmente um pouco menores, Loureiro diz que não há problemas no nível do fim de 2011. Para janeiro, ele espera que os estoques recuem para o equivalente a algo como 2,7 meses de vendas. Na distribuição de aço, o nível mais alto de 2011 foi atingido em março, com estoques próximos a cinco meses. Ao longo do ano, porém, os estoques foram sendo ajustados, com produtores e distribuidores locais ganhando espaço do aço importado, que havia crescido muito em 2010, por conta da diferença de preços. "Em 2011, a importação caiu quase 50%, e a distribuição nacional, por sua vez, cresceu pouco mais de 10%", diz Loureiro.

Para 2012, ele espera uma expansão de 6%, com expectativa de demanda mais forte da construção civil residencial, infraestrutura e de quem produz equipamentos para esses segmentos. Não há mais espaço para um ganho tão fácil em cima dos importados, diz.

No caso da indústria automobilística, a situação é um pouco dúbia. Na sondagem da FGV, a fatia de empresas do setor de material de transporte (em que se destaca a indústria automobilística) que informam estoques excessivos ficou em 10,2% em dezembro, metade dos 20,5% registrados em setembro e abaixo da média de 11,4% da média desde 2003.

Números da Anfavea, porém, mostram um quadro menos claro. O número de veículos nos pátios das montadoras e concessionárias recuou de 373,5 mil em novembro para 347,7 mil em dezembro. Em termos de dias de vendas, a queda foi de 35 para 30 dias, nível tido como normal pelo setor.

O economista-chefe da corretora Convenção Tullett Prebon, Fernando Montero, contudo, acha que o número em termos absolutos ainda é alto, especialmente para o último mês do ano. Ele observa que, em geral, os estoques sobem de dezembro para janeiro. "De 2002 para cá, isso só não ocorreu em 2009." Para Montero, uma parte razoável já ajustou estoques, mas esse não parece ser o caso do setor automobilístico.

O economista Aurélio Bicalho, do Itaú Unibanco, também não vê um quadro dos mais positivos em termos de estoques para a indústria automobilística. Nas suas contas, eles aumentaram em dezembro, feito o ajuste sazonal. É um sinal desfavorável para a produção de veículos em janeiro, que veio de uma alta forte no mês anterior, de 6,6% sobre novembro na série calculada pelo Itaú Unibanco

Link: <http://clippingmp.planejamento.gov.br/cadastros/noticias/2012/1/17/estoques-preocupam-industria-e-podem-atrasar-retomada>



ANÁLISE-Siderurgia caminha para mais um duro ano em 2012

O setor siderúrgico brasileiro deve ter mais um ano duro pela frente em 2012, principalmente no segmento de aços planos, enquanto a combinação difícil de custos elevados de insumos e preços de aço estagnados persiste em meio às incertezas sobre a economia global.

A avaliação de analistas consultados pela Reuters é que a importação de aço e, principalmente, de produtos acabados que usam aço, como carros, seguirá guilhotinando qualquer tentativa de alta mais consistente nos preços.

O viés positivo é que após o fraco desempenho industrial do final de 2011, o governo acene com medidas de incentivo à economia como redução de juros, o que pode melhorar a demanda e o resultado das siderúrgicas a partir do segundo semestre.

Segunda metade do ano apenas porque os sinais apresentados neste mês não dão motivos para analistas acreditarem em força na demanda ao menos até junho.

Esta semana, por exemplo, o presidente do Instituto Nacional dos Distribuidores de Aço, Carlos Loureiro, afirmou à Reuters que o volume de encomendas feitas às siderúrgicas está abaixo do esperado, indicando um primeiro trimestre mais fraco que o normal para o setor.

Outro motivo de preocupação são as chuvas que atingem Minas Gerais e que estão prejudicando a produção e o transporte de minério de ferro, item que há vários trimestres tem ajudado nos resultados das siderúrgicas, principalmente da CSN. A Vale declarou força maior na quarta-feira e a Usiminas informou na quinta-feira que teve de aumentar transporte terrestre após interrupções de ferrovias.

A CSN, cujas operações de mineração são concentradas em Minas Gerais, informou que o volume de minério que deixou de ser embarcado "não é grande e não impacta estimativas da empresa".

"O quarto trimestre mostrou desaceleração da indústria, a economia sentiu os efeitos da política monetária", disse o analista Rafael Weber, da corretora Geração Futuro.

"Podemos ter, talvez, se a atividade se recuperar no Brasil e não tivermos um aprofundamento da crise lá fora, um segundo semestre de resultados melhores, com impacto positivo da queda do juros", acrescentou.

Para a corretora Ativa, que assim como o JP Morgan reduziu este mês seus preços-alvos para as ações do setor, 2012 será mais um ano "desafiador" para as siderúrgicas locais em que não se espera nenhum reajuste no preço significativo do aço no mercado interno.

PREFERIDA

A preferência do mercado, segundo avaliação dos analistas, recai sobre as ações da Gerdau, pela exposição da empresa ao setor de aços longos, favorecido pelos investimentos do país em infraestrutura e sinais de recuperação nos Estados Unidos. Em 2011, a ação da empresa acumulou queda de quase 35 por cento.

Para a analista Daniella Maia, da Ativa, outro fator de preferência pela Gerdau é a divulgação prevista para este semestre do plano de monetização das reservas de minério de ferro do grupo, que já é 70 por cento autossuficiente na commodity e poderá usar excedente para exportar.

O cenário muda de figura no caso da Usiminas, que viu recuo de 45 por cento no preço de sua ação preferencial em 2011. "Quem está posicionado em Usiminas, acho que já está mais do que na hora de sair desse papel. Deu um rali no final do ano passado e quem conseguiu sair ótimo, quem não conseguiu



melhor realizar prejuízo", disse a analista, citando o fraco desempenho operacional da empresa que tenta melhorar sua estrutura de custos para ganhar competitividade.

Sobre CSN, cuja ação perdeu mais de 40 por cento no último ano, a analista afirmou que há riscos embutidos na empresa sobre o projeto de expansão da mina de minério de ferro de Casa de Pedra, que sofre atrasos diante da demora de ampliação de porto exportador, e o papel da companhia na Usiminas, depois de seguidas compras de ações da rival, opinião também compartilhada pelo Morgan Stanley.

INCERTEZA

Apesar do Instituto Aço Brasil (IABr) ter divulgado no final de 2011 expectativa de aumento das vendas de aço no país de 8,4 por cento sobre 2010, para 23,3 milhões de toneladas, e produção avançando 6 por cento, a 37,5 milhões, os números podem não se confirmar diante da volatilidade pela qual o setor atravessa.

"É uma previsão que provavelmente deve ser revista este ano. Ninguém sabe ao certo o que vai acontecer... No primeiro semestre, o setor deve repetir o que vimos no quarto trimestre: por mais que a importação de aço tenha diminuído, a pressão tende a continuar grande", afirmou o analista Victor Penna, do Banco do Brasil.

Link: <http://economia.ig.com.br/empresas/infraestrutura/siderurgia-caminha-para-mais-um-duro-ano-em-2012/n1597572973715.html>

UOL Notícias • Economia

ANÁLISE-Siderurgia caminha para mais um duro ano em 2012

O setor siderúrgico brasileiro deve ter mais um ano duro pela frente em 2012, principalmente no segmento de aços planos, enquanto a combinação difícil de custos elevados de insumos e preços de aço estagnados persiste em meio às incertezas sobre a economia global.

A avaliação de analistas consultados pela Reuters é que a importação de aço e, principalmente, de produtos acabados que usam aço, como carros, seguirá guilhotinando qualquer tentativa de alta mais consistente nos preços.

O viés positivo é que após o fraco desempenho industrial do final de 2011, o governo acene com medidas de incentivo à economia como redução de juros, o que pode melhorar a demanda e o resultado das siderúrgicas a partir do segundo semestre.

Segunda metade do ano apenas porque os sinais apresentados neste mês não dão motivos para analistas acreditarem em força na demanda ao menos até junho.

Esta semana, por exemplo, o presidente do Instituto Nacional dos Distribuidores de Aço, Carlos Loureiro, afirmou à Reuters que o volume de encomendas feitas às siderúrgicas está abaixo do esperado, indicando um primeiro trimestre mais fraco que o normal para o setor.

Outro motivo de preocupação são as chuvas que atingem Minas Gerais e que estão prejudicando a produção e o transporte de minério de ferro, item que há vários trimestres tem ajudado nos resultados das siderúrgicas, principalmente da CSN. A Vale declarou força maior na quarta-feira e a Usiminas informou na quinta-feira que teve de aumentar transporte terrestre após interrupções de ferrovias.

A CSN, cujas operações de mineração são concentradas em Minas Gerais, informou que o volume de minério que deixou de ser embarcado "não é grande e não impacta estimativas da empresa".

"O quarto trimestre mostrou desaceleração da indústria, a economia sentiu os efeitos da política monetária", disse o analista Rafael Weber, da corretora Geração Futuro.

"Podemos ter, talvez, se a atividade se recuperar no Brasil e não tivermos um aprofundamento da crise lá fora, um segundo semestre de resultados melhores, com impacto positivo da queda do juros", acrescentou.

Para a corretora Ativa, que assim como o JP Morgan reduziu este mês seus preços-alvos para as ações do setor, 2012 será mais um ano "desafiador" para as siderúrgicas locais em que não se espera nenhum reajuste no preço significativo do aço no mercado interno.

PREFERIDA

A preferência do mercado, segundo avaliação dos analistas, recai sobre as ações da Gerdau, pela exposição da empresa ao setor de aços longos, favorecido pelos investimentos do país em infraestrutura e sinais de recuperação nos Estados Unidos. Em 2011, a ação da empresa acumulou queda de quase 35 por cento.

Para a analista Daniella Maia, da Ativa, outro fator de preferência pela Gerdau é a divulgação prevista para este semestre do plano de monetização das reservas de minério de ferro do grupo, que já é 70 por cento autossuficiente na commodity e poderá usar excedente para exportar.

O cenário muda de figura no caso da Usiminas, que viu recuo de 45 por cento no preço de sua ação preferencial em 2011. "Quem está posicionado em Usiminas, acho que já está mais do que na hora de sair desse papel. Deu um rali no final do ano passado e quem conseguiu sair ótimo, quem não conseguiu melhor realizar prejuízo", disse a analista, citando o fraco desempenho operacional da empresa que tenta melhorar sua estrutura de custos para ganhar competitividade.



Sobre CSN, cuja ação perdeu mais de 40 por cento no último ano, a analista afirmou que há riscos embutidos na empresa sobre o projeto de expansão da mina de minério de ferro de Casa de Pedra, que sofre atrasos diante da demora de ampliação de porto exportador, e o papel da companhia na Usiminas, depois de seguidas compras de ações da rival, opinião também compartilhada pelo Morgan Stanley.

INCERTEZA

Apesar do Instituto Aço Brasil (IABr) ter divulgado no final de 2011 expectativa de aumento das vendas de aço no país de 8,4 por cento sobre 2010, para 23,3 milhões de toneladas, e produção avançando 6 por cento, a 37,5 milhões, os números podem não se confirmar diante da volatilidade pela qual o setor atravessa.

"É uma previsão que provavelmente deve ser revista este ano. Ninguém sabe ao certo o que vai acontecer... No primeiro semestre, o setor deve repetir o que vimos no quarto trimestre: por mais que a importação de aço tenha diminuído, a pressão tende a continuar grande", afirmou o analista Victor Penna, do Banco do Brasil.

Link: <http://economia.uol.com.br/ultimas-noticias/reuters/2012/01/13/analise-siderurgia-caminha-para-mais-um-duro-ano-em-2012.jhtm>

Siderurgia caminha para mais um duro ano em 2012

O setor siderúrgico brasileiro deve ter mais um ano duro pela frente em 2012, principalmente no segmento de aços planos, enquanto a combinação difícil de custos elevados de insumos e preços de aço estagnados persiste em meio às incertezas sobre a economia global.

A avaliação de analistas consultados pela Reuters é que a importação de aço e, principalmente, de produtos acabados que usam aço, como carros, seguirá guilhotinando qualquer tentativa de alta mais consistente nos preços.

O viés positivo é que após o fraco desempenho industrial do final de 2011, o governo acene com medidas de incentivo à economia como redução de juros, o que pode melhorar a demanda e o resultado das siderúrgicas a partir do segundo semestre.

Segunda metade do ano apenas porque os sinais apresentados neste mês não dão motivos para analistas acreditarem em força na demanda ao menos até junho.

Esta semana, por exemplo, o presidente do Instituto Nacional dos Distribuidores de Aço, Carlos Loureiro, afirmou à Reuters que o volume de encomendas feitas às siderúrgicas está abaixo do esperado, indicando um primeiro trimestre mais fraco que o normal para o setor.

Outro motivo de preocupação são as chuvas que atingem Minas Gerais e que estão prejudicando a produção e o transporte de minério de ferro, item que há vários trimestres tem ajudado nos resultados das siderúrgicas, principalmente da CSN. A Vale declarou força maior na quarta-feira e a Usiminas informou na quinta-feira que teve de aumentar transporte terrestre após interrupções de ferrovias.

A CSN, cujas operações de mineração são concentradas em Minas Gerais, informou que o volume de minério que deixou de ser embarcado "não é grande e não impacta estimativas da empresa".

"O quarto trimestre mostrou desaceleração da indústria, a economia sentiu os efeitos da política monetária", disse o analista Rafael Weber, da corretora Geração Futuro.

"Podemos ter, talvez, se a atividade se recuperar no Brasil e não tivermos um aprofundamento da crise lá fora, um segundo semestre de resultados melhores, com impacto positivo da queda do juros", acrescentou.

Para a corretora Ativa, que assim como o JP Morgan reduziu este mês seus preços-alvos para as ações do setor, 2012 será mais um ano "desafiador" para as siderúrgicas locais em que não se espera nenhum reajuste no preço significativo do aço no mercado interno.

PREFERIDA

A preferência do mercado, segundo avaliação dos analistas, recai sobre as ações da Gerdau, pela exposição da empresa ao setor de aços longos, favorecido pelos investimentos do país em infraestrutura e sinais de recuperação nos Estados Unidos. Em 2011, a ação da empresa acumulou queda de quase 35 por cento.

Para a analista Daniella Maia, da Ativa, outro fator de preferência pela Gerdau é a divulgação prevista para este semestre do plano de monetização das reservas de minério de ferro do grupo, que já é 70 por cento autossuficiente na commodity e poderá usar excedente para exportar.

O cenário muda de figura no caso da Usiminas, que viu recuo de 45 por cento no preço de sua ação preferencial em 2011. "Quem está posicionado em Usiminas, acho que já está mais do que na hora de sair desse papel. Deu um rali no final do ano passado e quem conseguiu sair ótimo, quem não conseguiu melhor realizar prejuízo", disse a analista, citando o fraco desempenho operacional da empresa que tenta melhorar sua estrutura de custos para ganhar competitividade.

Sobre CSN, cuja ação perdeu mais de 40 por cento no último ano, a analista afirmou que há riscos embutidos na empresa sobre o projeto de expansão da mina de minério de ferro de Casa de Pedra, que sofre atrasos diante da demora de ampliação de porto exportador, e o papel da companhia na Usiminas, depois de seguidas compras de ações da rival, opinião também compartilhada pelo Morgan Stanley.



INCERTEZA

Apesar do Instituto Aço Brasil (IABr) ter divulgado no final de 2011 expectativa de aumento das vendas de aço no país de 8,4 por cento sobre 2010, para 23,3 milhões de toneladas, e produção avançando 6 por cento, a 37,5 milhões, os números podem não se confirmar diante da volatilidade pela qual o setor atravessa.

"É uma previsão que provavelmente deve ser revista este ano. Ninguém sabe ao certo o que vai acontecer... No primeiro semestre, o setor deve repetir o que vimos no quarto trimestre: por mais que a importação de aço tenha diminuído, a pressão tende a continuar grande", afirmou o analista Victor Penna, do Banco do Brasil.

Link: <http://www.portalnaval.com.br/noticia/33692/siderurgia-caminha-para-mais-um-duro-ano-em-2012>

02 – SETOR

O ESTADO DE S. PAULO

Entrada da Ternium na Usiminas será oficial na 2ª feira

SÃO PAULO - A entrada da Ternium na Usiminas será oficializada na segunda-feira, quando o acordo final da operação será assinado, em Belo Horizonte. A argentina fechou no fim de novembro a compra da participação na siderúrgica mineira por cerca de R\$ 5 bilhões. A fatia foi adquirida da Camargo Corrêa e da Votorantim, que, juntas, tinham 26% das ações com direito a voto, e do fundo de empregados da Usiminas, que também vendeu parte dos seus papéis.

A chegada da nova acionista será referendada na Assembleia dos Acionistas da companhia, marcada para o mês de abril. Nessa ocasião, a Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), que apesar de perder a disputa para a Ternium, deverá reivindicar o seu direito a um assento no Conselho de Administração da empresa. Ao longo do ano passado, a companhia presidida por Benjamin Steinbruch acumulou 20,14% das ações preferenciais e 11,66% das ações ordinárias. Segundo a lei das S/As, para se ter direito a uma cadeira é necessário ter 15% das ações ordinárias ou 10% das preferenciais.

A nova composição acionária da Usiminas é formada pelo grupo japonês Nippon Steel, que segue sendo acionista majoritário, agora com 29,45% das ações ordinárias e o grupo ítalo-argentino Ternium/Tenaris entra com 27,66%.

Link: <http://economia.estadao.com.br/noticias/entrada-da-ternium-na-usiminas-sera-oficial-na-2-feira,99338,0.htm>

ECONÔMICO **Valor**

Governo congela plano para hidrovias

O transporte feito pelos rios, rota historicamente ignorada na matriz logística nacional, ainda terá de passar um bom tempo no limbo. Há um ano, o Ministério dos Transportes estava pronto para lançar um grande pacote de obras para as hidrovias. O projeto ambicioso, resultado de parceria entre o Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes (Dnit) e a Agência Nacional de Transportes Aquaviários (Antaq), prometia uma série de intervenções nos rios, com o propósito de reduzir a dependência das rodovias.

Entre projetos de curto, médio e longo prazos incluídos na segunda etapa do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC 2), estimava-se investimentos de R\$ 2,7 bilhões em obras. Um ano depois, a maior parte desses projetos afundou. O governo não lançou pacote nenhum e se limitou a executar ações pontuais na área.

Grandes promessas de obras, como a dragagem (retirada de sedimentação do leito do rio), sinalização e balizamento de 1.115 km do rio Madeira, não se realizaram. "Não houve avanço no Madeira e as pessoas da região estão preocupadas, por causa do assoreamento. Essa é uma obra estratégica para o setor", diz Adalberto Tokarski, superintendente de navegação interior da Antaq. A capacidade atual de tráfego de carga no Madeira é de 8 milhões de toneladas. Se o governo tivesse executado os projetos, esse potencial poderia chegar a 20 milhões de toneladas.

A situação também é precária em muitos trechos do rio Amazonas. Era necessário fazer intervenções para aprofundamento do leito em algumas áreas, o que não ocorreu. Como resultado, os navios precisam reduzir o volume de carga transportada para chegar a Manaus.

O marasmo que toma conta das hidrovias tem prejudicado o potencial de uma das obras mais caras do governo. As eclusas de Tucuruí, no Pará, inauguradas em novembro de 2010, até hoje não rendem 1% de seu potencial por conta do Pedral do Lourenço, uma ladeira de pedras no rio Tocantins, localizada entre os municípios de Tucuruí e Marabá, cuja retirada era uma das obras previstas no PAC, mas que foi excluída do programa, sem previsão de execução.

A hidrovia do Tocantins tem hoje a extensão de 790 quilômetros, entre Tucuruí e a foz do rio, no porto de Vila do Conde, no Maranhão. Se a retirada do Pedral do Lourenço tivesse ocorrido, a hidrovia ganharia mais 400 quilômetros para navegação. A abertura desse trecho é crucial para que as eclusas de Tucuruí possam justificar o investimento de R\$ 1,5 bilhão feito desde o início das obras, em 1980. Hoje, o Tocantins transporta pouco mais de 1 milhão de toneladas de carga por ano. Se aberto o novo trecho, o potencial estimado é de 70 milhões de toneladas.

"Havia a expectativa de um pacote de obras e investimentos, mas isso não se confirmou e o setor realmente sentiu muito", diz Tokarski. Para o Ministério dos Transportes, não há nada de errado. Em resposta encaminhada ao Valor, o ministério informou que o programa para as hidrovias não foi abandonado e que há 22 obras em execução (18 portos e quatro intervenções em hidrovias), além de 80 obras em ações preparatórias.

Sobre a situação do Pedral do Lourenço, a alegação é que a obra foi interrompida para "reestudo e reavaliação". Segundo o ministério, estão em andamento a construção de cerca de



30 portos fluviais na região amazônica. No ano passado, foi feita a dragagem d rio São Francisco em pontos críticos para a navegação, durante a seca.

Neste ano, o que sobrou para investimentos nas hidrovias são R\$ 334 milhões, conforme consta do projeto de lei orçamentária de 2012. "A ministra Miriam Belchior (Planejamento) nos disse que o governo prepara investimentos pesados em um tal 'PAC das hidrovias'", diz o senador Flexa Ribeiro (PSDB-PA), que defende a reinclusão das obras no rio Tocantins no PAC. Por meio de nota, o Planejamento informou que não há nenhuma novidade prevista para o setor, a não ser aquilo que já integra as ações previstas no programa.

Com a exclusão do Pedral do Lourenço da lista de projeto, o governo tenta atrair a iniciativa privada para bancar a obra. "Há a possibilidade de a obra ser realizada pela Vale ", informou o Ministério do Planejamento, ao ser questionado sobre o assunto. Como a Vale está construindo a siderúrgica Aços Laminados do Pará (Alpa), em Marabá, ela teria interesse em viabilizar a hidrovia. A Vale não comenta o assunto.

"Alguns projetos caminharam bem, como a hidrovia do Tietê, que conta com a parceria da Transpetro. Com a necessidade de o país produzir mais, a área empresarial está descobrindo o setor, mas a situação geral ainda é um pouco preocupante", diz Tokarski.

Link: <http://www.valor.com.br/impreso/infraestrutura/governo-congela-plano-para-hidrovias>

ECONÔMICO Valor

De 'controladora' a controlada em um ano

Um ano atrás, a Usiminas era dona de 14% do capital da Ternium, uma siderúrgica criada pela Techint em 2005 e cujo faturamento está na casa de US\$ 9 bilhões. Tinha essa participação, mas nenhum poder de mando. Isso foi dado como razão para desfazer-se das ações por pouco mais de US\$ 1 bilhão.

As posições se inverteram. A partir de hoje, o grupo que controla a Ternium é que passa a ter 14% da Usiminas e terá presença efetiva no bloco de comando.

Isso mostra como a siderúrgica mineira não teve fôlego para ser um "player" de peso, com poder de consolidação, nem sequer na siderurgia latino-americana. Perdeu o bonde da internacionalização e foi engolida, diante da passividade de seus acionistas, cada um com interesses diferentes.

Um retrato diferente da Gerdau, que se tornou o maior grupo de aços longos das Américas, fazendo aquisições do Uruguai e Argentina ao Canadá, adentrando-se pela Europa e chegando à Índia. Com isso, passou a figurar entre as dez maiores siderúrgicas do mundo.

A CSN, com seu estilo atropelador de fazer negócios, até tentou incorporar a Usiminas para criar uma megacompanhia nacional, mas não teve sucesso. A Gerdau também olhou essa alternativa, mas preferiu não pagar tão caro para ser meio controlador.

A Usiminas estacionou no Brasil, com duas usinas - Ipatinga (MG) e Cubatão (SP) - e nada avançou fora do país. Produz mais aço que a Ternium, todavia a nova controladora tem uma capacidade de fabricação superior e rentabilidade melhor.

O parque fabril da Ternium abrange Argentina, Colômbia, México, sul dos Estados Unidos e América Central, com capacidade de 10 milhões de toneladas. No México, tem operações de minério de ferro que garantem pouco mais de 50% de fornecimento próprio da matéria-prima. A empresa conta com um portfólio de produtos, entre aços planos e longos, bem diversificado. Por meio da Usiminas, poderá acessar o mercado brasileiro, de 26 milhões de toneladas de aço.

Certamente, ganhará mais poder de competição no dia que fundir as operações das duas companhias, criando uma grande empresa nas Américas. Para isso, terá de convencer os executivos da Nippon Steel, com quem já tem uma parceria tecnológica e de produção no México. Lá, a japonesa fornece tecnologia para a nova laminação de US\$ 700 milhões da Ternium e tem 49% na Tenigal, uma empresa de aço galvanizado de US\$ 350 milhões que ficará pronta em 2013.

Link: <http://www.valor.com.br/impreso/eu-investimentos/de-controladora-controlada-em-um-ano>

FOLHA.com

Contribuição ao INSS do trabalhador sobe para até 783,24

A contribuição previdenciária do trabalhador será maior em fevereiro. O reajuste de 6,08% aplicado às aposentadorias foi estendido para as contribuições ao INSS (Instituto Nacional do Seguro Social).

A menor alíquota, de 8%, passa a ser aplicada a quem ganha até R\$ 1.174,86. Anteriormente, era aplicada para quem recebia até R\$ 1.107,52.

O desconto de 9% passa a incidir sobre salários de R\$ 1.174,87 a R\$ 1.958,10.

A maior alíquota, de 11%, será aplicada sobre salários acima de R\$ 1.958,11. A alíquota, porém, incide só até o novo teto previdenciário, de R\$ 3.916,20. Assim, a contribuição máxima para assalariados será de R\$ 430,78.

Autônomos, por sua vez, contribuem sobre 20% de sua remuneração, respeitando os limites: o salário mínimo e o teto previdenciário. Logo, a nova contribuição varia de R\$ 124,40 (20% sobre o piso, de R\$ 622) a R\$ 783,24 (20% do teto).

Enquanto o trabalhador assalariado tem a contribuição descontada do salário, o autônomo recolhe por carnê.

As novas alíquotas valerão apenas para as contribuições feitas em fevereiro, referentes ao mês trabalhado de janeiro. As contribuições descontadas do salário recebido em janeiro, referente a dezembro, foram feitas de acordo com a tabela anterior.

Link: <http://www1.folha.uol.com.br/mercado/1034969-contribuicao-ao-inss-do-trabalhador-sobe-para-ate-78324.shtml>

O ESTADO DE S. PAULO

Vendas de veículos na 1ª quinzena de janeiro caem 24,31%

FERNANDA GUIMARÃES - Agencia Estado

SÃO PAULO - A venda de automóveis, comerciais leves, caminhões e ônibus na primeira quinzena de janeiro somou 126.348 unidades, queda de 24,31% na comparação com o mesmo período de dezembro de 2011, informou hoje a Federação Nacional da Distribuição de Veículos Automotores (Fenabreve). Em relação a igual período de janeiro do ano passado, a alta foi de 3,94%.

Levando-se em conta apenas os veículos leves, as vendas no período chegaram a 119.344 unidades, queda de 24,26% ante igual intervalo em dezembro e crescimento de 4,68% ante os primeiros quinze dias de 2011. Já as vendas dos veículos pesados somaram 7.004 unidades, retração de 25,14% ante mesmo intervalo em dezembro e queda de 7,28% em relação a igual período em 2011.

No total dos segmentos analisados pela Fenabreve, que considera também motos e implementos rodoviários, por exemplo, as vendas atingiram 204.868 unidades, queda de 23,55% ante igual intervalo do mês imediatamente anterior e expansão de 4,48% na comparação anual.

Link: <http://economia.estadao.com.br/noticias/economia+geral,vendas-de-veiculos-na-1-quinzena-de-janeiro-caem-2431,99712,0.htm>

EXAME.COM

Executivo da ThyssenKrupp será cobrado por perdas na América

Heinrich Hiesinger explicará no encontro anual de acionistas como quintuplicou a perda da empresa com a Steel America

ANDRE VALENTIM



ThyssenKrupp CSA: maior investimento privado realizado no Brasil em 15 anos

Frankfurt - O presidente do Conselho de Administração da [ThyssenKrupp](#), Gerhard Cromme, será confrontado na sexta-feira à medida que acionistas questionam os investimentos no continente americano que levaram a maior siderúrgica alemã para o vermelho.

Heinrich Hiesinger, gerente da Siemens que se tornou presidente-executivo da ThyssenKrupp em janeiro do ano passado, explicará no encontro anual de acionistas como quintuplicou a perda da empresa com a Steel America, que administra as novas fábricas de 12 bilhões de dólares no Brasil e no Alabama, Estados Unidos.

O predecessor de Hiesinger como presidente-executivo, Ekkehard Schulz, de 70 anos, foi amplamente alardeado para ser sucessor de Cromme como presidente do Conselho até sua



renúncia abrupta do conselho no mês passado em meio a alegações na mídia de que ele havia fracassado em controlar os custos na América.

Alguns acionistas afirmaram que a responsabilidade não deve ser restringida a Schulz, que ainda tem forte apoio na companhia, na qual trabalhou por quase quatro décadas.

"Schulz colheu as consequências de renunciar. Cromme deveria seguir seu exemplo", disse a associação de acionistas DKA em uma moção.

Cromme também ficou em evidência em 2007 como presidente do Conselho do maior conglomerado de engenharia da Europa, a Siemens, quando se envolveu com um escândalo de corrupção que custou à companhia 2,5 bilhões de euros (3,2 bilhões de dólares) em multas e pagamentos a advogados.

"Ele (Cromme) não cumpriu sua tarefa no que toca à diretoria executiva, e por causa disso também foi responsável pelo desastre na América", disse a DKA.

O executivo de 69 anos foi o primeiro diretor de uma comissão nomeada pelo governo alemão que esboçou um código de conduta para companhias listadas, ganhando o apelido de "Senhor Governança Corporativa". Nos tempos de Krupp, ele engendrou a fusão dos mais antigos titãs industriais alemães para formar a ThyssenKrupp em 1999.

Link: <http://exame.abril.com.br/negocios/gestao/noticias/executivo-da-thyssenkrupp-sera-cobrado-por-perdas-na-america-3>



Bahia pode ter nova mina de ferro

Publicada: 18/01/2012 00:19 | Atualizada: 17/01/2012 23:40

Um contrato assinado entre a Companhia Baiana de Pesquisa Mineral - CBPM e a Camaleão Mineração Ltda vai permitir ampliar a área de exploração de minério de ferro no estado da Bahia. Para tanto, a vencedora da licitação fará um investimento da ordem de R\$ 15,2 milhões, com prazo de pesquisa e avaliação de 24 meses, prorrogáveis.

Uma vez constatada a viabilidade econômica da mina, o investimento necessário para a sua exploração, incluindo a unidade de beneficiamento, será da ordem de US\$ 3,41 bilhões.

O empreendimento terá capacidade de produção de 30 milhões de toneladas/ano de minério de ferro com teor de 62% e receita bruta estimada de US\$ 3,75 bilhões/ano, com previsão de criação de 650 empregos diretos.

O Contrato envolve um conjunto de 158 áreas de titularidade da CBPM, que perfaz uma superfície de 238 mil hectares, e se estende das imediações da represa de Sobradinho até a fronteira com o estado do Piauí, abrangendo os municípios de Remanso, Pilão Arcado e Campo Alegre de Lourdes, localizados no norte da Bahia.

Vencedora do Edital, a Camaleão Mineração realizará, sob sua exclusiva responsabilidade, a pesquisa e avaliação das reservas de minério de ferro na região.

Segundo o diretor técnico Rafael Avena Neto, “essas áreas abrigam extensos depósitos de minério de ferro de baixo teor, recentemente valorizados, em razão dos seus altos preços alcançados no mercado internacional”.

Para ao presidente da CBPM, Alexandre Brust, o contrato com a Camaleão Mineração faz parte do programa de arrendamento de direitos minerários que vem sendo agilizado no atual governo, que disponibiliza à iniciativa privada áreas de pesquisa e depósitos minerais em estágio inicial de avaliação para posterior aproveitamento econômico em empreendimentos mínero-industriais.

“Isso possibilita a promoção de geração de emprego e renda e a interiorização do desenvolvimento econômico e social da Bahia, principalmente nas regiões mais carentes”, disse Brust.

Link: <http://www.tribunadabahia.com.br/news.php?idAtual=103560>